

A EDUCAÇÃO DE SURDOS EM UM CONTEXTO DE CIBERCULTURA

Verônica Alves dos Santos Conceição; Josué Leite Conceição; Débora Araújo Leal; Maria Salete Peixoto Gonçalves; Cristiane Magalhaes Porto.

Universidade Tiradentes (UNIT). veronica.alves604@gmail.com; Universidade Tiradentes (UNIT). jlcengenhariafsa@gmail.com; Centro Municipal de Educação Infantil Carlos Marinho Falcão. delleal8@hotmail.com; Universidade Tiradentes (UNIT). Maria Salete Peixoto Gonçalves. mariasaletepeixotogoncalves@gmail.com. Universidade Tiradentes (UNIT). crismporto@gmail.com.

Resumo:

O objetivo desse trabalho foi investigar como as mudanças na educação no contexto de cibercultura se relacionam com a educação oferecida aos estudantes surdos que convivem com o ouvinte na contemporaneidade. Buscou-se abordar a educação em um contexto de cibercultura e a educação de surdos. A metodologia empregada para elaboração deste trabalho tem enfoque qualitativo. Adotamos a pesquisa bibliográfica para adquirir informações conceituais e teóricas necessárias ao estudo do tema. Recorremos a livros, dissertações e artigos em periódicos científicos com a proposta de melhor compreender a educação de surdos. Constatamos que, a educação online facilita os processos de ensino e aprendizagem de surdos visto que a surdez não impossibilita o seu desenvolvimento cognitivo, mas constitui-se uma diferença humana que se utiliza de outros meios para representar a percepção.

Palavras-chave: Educação, cibercultura, surdez, educação online.

1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos modificaram o modo de viver das pessoas, facilitaram as atividades cotidianas, encurtaram a distância, informatizaram setores, permitiram que as informações ultrapassassem limites geográficos, físicos e temporais.

Em meio as transformações tecnológicas, vivenciamos modificações no contexto educacional que abrem espaços para a diversidade de sujeitos, com desejo de socializar conhecimentos, interagir, trocar experiências e integrar-se às novas maneiras de se construir conhecimento. Dentre os sujeitos estão os surdos que já não aceitam a condição de consumidores de conhecimentos e reclamam por espaços mais democráticos e interativos.

Apesar das mudanças no cenário educacional, a educação dos surdos não acompanhou no mesmo ritmo os resultados significativos ocorridos em áreas do conhecimento didático e pedagógico; mas testemunhamos avanços importantes na medida em que os surdos passou a ser reconhecidos como capazes de aprender, se desenvolver e participar efetivamente da sociedade e dos avanços que nela se engendram.

Nesse sentido, os estudos de Góes (1996), Lemos (2003), Afonso (2001), Kenski (2005), Santos(2005), Skliar(2005), Aragão(2010), Campos(2014), Santana et al.(2008), dentre outros que embasam este trabalho, têm destacado que os surdos são pessoas que fazem parte de uma minoria linguística, mas que têm o direito de participar das experiências de aprendizagem com a mediação de sua língua natural, a língua brasileira de sinais (LIBRAS). E é basicamente por isso que este trabalho se justifica, pelo fato de que os surdos têm o direito de aprender, interagir, trocar experiências utilizar as tecnologias de informação e comunicação como recursos de apoio à construção do conhecimento.

Logo, o presente estudo apresenta como objetivo geral investigar como as mudanças na educação no contexto de cibercultura se relacionam com a educação oferecida aos estudantes surdos que convivem com o ouvinte na contemporaneidade. Para tanto, realizamos um estudo com um enfoque qualitativo, adotando a pesquisas bibliográficas.

2.METODOLOGIA

Por entender que a pesquisa qualitativa possui um caráter social e possibilita ao investigador o entendimento relevante acerca do estudo em questão, adotamos esse tipo de pesquisa como método a ser desenvolvido neste trabalho. Segundo Ludke (1986, p.12), “o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas”. Percebemos, enquanto pesquisadores, a necessidade de capturar os anseios e as perspectivas dos sujeitos participantes do processo educativo, quer como professor, quer como estudante.

Vale salientar que os pressupostos sugeridos pela pesquisa qualitativa permitem fazer uma busca subjetiva sobre o assunto. Segundo Minayo (2007, p. 22), “a abordagem ainda aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações médias e estatísticas”. Assim, a pesquisa qualitativa não se detém na busca de dados numéricos, mas procura averiguar pela compreensão da realidade humana, os aspectos da vida social que diferem nas ações dos homens.

Essa investigação tem como objeto de estudo a educação de surdos em um contexto de cibercultura, para tanto, escolheu-se como modalidade da pesquisa qualitativa, a pesquisa bibliográfica e a análise documental, em busca de teorias que evidenciem as mudanças e potencialidade, ainda que discretas, que o novo contexto oferece para uma educação mais inclusiva e humanizada. Este estudo se desenvolveu a partir da escolha do tema e da catalogação das fontes bibliográficas, definição de um plano de leitura que orientou o trabalho no processo

de construção, leituras, discussões e fichamentos que embasaram e fomentaram a produção do mesmo.

3. EDUCAÇÃO EM CONTEXTO DE CIBERCULTURA

O uso das tecnologias de comunicação e informação causou modificações no cenário mundial e compõe o que conhecemos hoje como sociedade contemporânea caracterizada pela busca de facilidade com vistas à economia de tempo. Desse modo, “vivemos uma nova conjuntura espaço-temporal marcada pelas tecnologias digitais [...]” (LEMOS, 2003, p.3). As comunicações mediadas por computadores e dispositivos eletrônicos conectados à rede de internet têm sido cada vez mais comuns, fato que confirma o conceito de aldeia global apresentado por McLuhan (1998), porque transcende limitações de tempo e espaço e atende as necessidades do mundo globalizado que busca interatividade, agilidade e dinâmica.

Para Lemos (2003, p.13), a cultura contemporânea que se estabelece enquanto cultura de rede criou uma dinâmica técnico-social singular na história da estrutura midiática pois, pela primeira vez, “qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações (escrita, imagética e sonora) para qualquer lugar do planeta”. Ademais, o crescimento de adeptos a comunidades virtuais reafirma essa nova configuração de relacionamentos amparada pelos dispositivos tecnológicos.

Nesse contexto Lemos (2003, p.11) traz o conceito de *cibercultura* como “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70”. Portanto, a cibercultura, enquanto cultura atual, utiliza-se dos dispositivos em rede para potencializar os aspectos comunitários, associativos e agregador os homens em sociedade. Logo, entendemos que podemos estar sós sem nos sentirmos isolados.

Os processo de ensino e aprendizagem integram a rede de comunicação e socialização dos saberes produzidos pela sociedade e criam comunidades educativas que legitimam conhecimentos que são agregados ao currículo. Segundo Afonso (2001, p. 429), essas comunidades se tornam alternativas ao currículo tradicional na medida que formam “grupos descentralizados de sujeitos que se auto organizam em comunidades funcionais e estáveis, e cuja meta principal é o apoio mútuo para o desenvolvimento eficaz de actividades construtivas de aprendizagem”.

Assim, as mudanças socioculturais interferem no processo educacional e o convida a acompanhar as tendências determinadas pelas necessidades de cada período. A educação baseada, prioritariamente, nas aulas presenciais,

ganhou um outro e novo sentido com a Educação a Distância (EaD) apoiada pelo uso da tecnologia que potencializa o acesso à informação por todos.

Julgamos relevante salientar que a EaD passou por um processo de transformação durante sua história. A primeira geração dessa modalidade de educação tornou-se conhecida como educação por correspondência e se baseou em textos impressos ou escrito a mão; a segunda usou como base as mídias de massa como televisão e rádio; a terceira surge como uma abordagem multimídia; a quarta foi desenvolvida em torno de comunicações mediadas por computador e, finalmente, o que conhecemos como geração da EaD (ARAGÃO, 2010).

Recentemente, temos estudos que indicam uma reformulação na base da educação a distância e a emergência de uma modalidade educativa chamada de Educação Online possibilitada por meio de dispositivos móveis e que estabelece uma comunicação entre estudantes e professores de modo síncrono ou assíncrono. Na educação online os internautas podem fazer uso da interatividade para construção dos conhecimentos.

Ainda, como uma modalidade da educação online e com vistas à atender as necessidades de empresas relacionadas com o treinamento corporativo de seus funcionários, surge a e-learning ou eletrônico learning que incorpora práticas voltadas ao desenvolvimento de competências por meio da interação e colaboração entre os aprendizes. A e-learning é apontada como a tendência atual de treinamento, aprendizagem e formação continuada no setor empresarial.

Nessa perspectiva, os ambientes virtuais possibilitaram as dinâmicas dos processos de ensino e aprendizagem, haja vista uma interação entre professor, estudante e objeto de conhecimento, além do fortalecimento das relações pessoais. Kenski (2005, p. 73) indica esperar que a diversidade de modalidades educativas contribuam para que os estudantes “ganhem autonomia em relação às suas próprias aprendizagens, que consigam administrar os seus tempos de estudo, que saibam selecionar os conteúdos que mais lhe interessam, que participem das atividades, independente do horário ou local em que esteja [...]”.

Para Santos (2005, p. 322), na educação online, estudantes geograficamente distantes estão próximos, “compartilhando informações, conhecimentos, seus dispositivos e narrativas de formação a partir da mediação tecnológica das e com as interfaces e dispositivos de comunicação síncronas e assíncronas, de conteúdos hipertextuais disponíveis no ciberespaço”

Nesse sentido, os suportes tecnológicos dos ambientes virtuais de aprendizagem e suas ferramentas desempenham um papel para além de depositário das atividades, tornam-se elementos chave no processo de cooperação e construção desses novos saberes. Os ambientes virtuais

de aprendizagem permitem integrar diversas “múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos”. Além do que as atividades atendem ao “tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com uma intencionalidade explícita e um planejamento prévio denominado design educacional” e os procedimentos podem ser “revisito e reelaborado continuamente no andamento da atividade” (KENSKI, 2005, p.76).

Desta forma, o contexto de cibercultura possibilita uma nova dinâmica na maneira de ensinar e aprender, marcada pela interatividade síncrona e assíncrona, fato que permite a conexão de estudantes e professores de modo simultâneo no ambiente em rede. Viabiliza, assim, a construção de conhecimentos que ultrapassam os limites temporais e espaciais, dando novos significados as proposta pedagógicas de ensino e aprendizagem alinhadas com os avanços tecnológicos da contemporaneidade.

4. A EDUCAÇÃO DE SURDOS

O conceito de surdez passou por transformação no período histórico e pode variar conforme a visão do estudioso do tema. Outrora a surdez era entendida apenas pela visão médico-clínica que a definia como uma deficiência auditiva. Avançamos para o pressuposto de que a surdez é a baixa capacidade e/ou impossibilidade de percepção dos sons, podendo ser congênita ou adquirida, tendo como causa inúmeros fatores que podem ocorrer no período pré, natal, peri e pós-natal.

Sales et al. (2010), entendem que o sujeito surdo é aquele cuja percepção de sons não é funcional na vida comum, ao passo que um sujeito com deficiência auditiva tem a percepção de sons funcional, com ou sem prótese auditiva, ainda que comprometida. Para Campos (2014, p. 48) o surdo é o sujeito que compreende o mundo por meio de “contatos visuais, que é capaz de se apropriar da língua de sinais e da língua escrita e de outras, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento cognitivo, cultural e social”.

Skliar (2005) sugere refletir sobre a surdez, não como uma questão de audiologia, mas no sentido epistemológico, compreendida como uma privação sensorial. Para o autor, a surdez é uma experiência visual, uma identidade múltipla, multifacetada e uma diferença a ser, ainda, politicamente reconhecida. Nesse sentido, a surdez não impossibilita o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, mas constitui uma diferença humana que faz uso de outros meios para representar a percepção.

No mesmo sentido encontramos Silva et al.

(2007, p 13), para quem os surdos são sujeitos que estão organizados social e politicamente, possuidores de um modo de viver que usa a visão como meio principal de obter conhecimento. Portanto, a cultura surda é “híbrida e mestiça, pois não se encontra isolada no mundo, está sempre em contato direto com outras culturas e evolui da mesma forma que o pensamento humano”

Assim, as diferenças entre surdos e ouvintes vêm sendo discutidas no campo político e educativo. Como consequência, a comunidade de surdos conseguiram alargar seu espaço na sociedade, impor que se reconheça seu engajamento sociopolítico e que se entenda quais mecanismos e habilidades comunicativas são utilizadas pelos membros dessa comunidade.

Nesse contexto de lutas e conquistas, o espaço educacional, que sempre buscou atender o interesse da classe dominante e, quando muito democrático, se voltou para o atendimento dos sujeitos que não apresentam deficiência, é chamado a rever suas bases conceituais e curriculares. O oralismo nas suas diversas configurações passou a ser severamente criticado como metodologia de ensino, por defender a língua na modalidade oral e impor integrar o surdo à cultura ouvinte como vistas à afasta-lo da sua cultura.

Entre as muitas críticas ao oralismo, Góes (1996, p. 40), aponta o fato de que “embora pretenda propiciar a aquisição da linguagem oral como forma de integração, esse trabalho educacional acentua, ao invés de eliminar, a desigualdade entre surdos e ouvintes quanto às oportunidades de desenvolvimento”. Ademais, acaba por desmerecer sua cultura surda e dificultar os ganhos linguísticos e cognitivos por exigir que o suros incorpore a linguagem em uma modalidade que não pode ter acesso de modo natural. Para a autora, a tentativa de impor o “meio oral, interditando formas de comunicação gestual-visual, reduz as possibilidades de trocas sociais, somando, assim, obstáculos à integração pretendida”.

Na tentativa de melhor educar o surdos, o campo educacional experimentou um novo aporte teórico denominado comunicação total que utilizava diversos recursos linguísticos e não-linguísticos de acordo às necessidades e possibilidades dos surdos. Essa corrente propõe o uso de múltiplas formas comunicativas, valendo-se dos recursos como: a soletração manual, pantomima, desenho, linguagem escrita e uso de sinais.

Após inúmeros debates e práticas educativas baseadas no oralismo e na comunicação total, surgiu uma nova modalidade educacional preocupada com o desenvolvimento comunicacional das pessoas surdas, o bilinguismo. Góes (1996), considera a língua de sinais a primeira língua da criança surda, devendo ser aprendida o mais cedo possível, sendo a segunda língua aquela utilizada pelo grupo social majoritário.

Para a autora, priorizar a língua de sinais no processo

de ensino e aprendizagem do surdo resulta em mudanças consideráveis no âmbito educacional, pois tornou possível incluir a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no contexto escolar com vistas à desenvolvessem as potencialidades comunicativas dos surdos.

De acordo com Salles (2004), a educação bilíngue é uma proposta de ensino que recomenda o acesso a duas línguas no contexto escolar, considerando a língua de sinais como materna e partindo desse pressuposto para o ensino de Língua Portuguesa. É notório que essa proposta educacional busca ensinar a Língua Portuguesa, mas respeitando a língua natural dos surdos. No entanto, Sá (2002) defende que a educação bilíngue não se limita apenas no domínio de duas línguas, mas também de uma educação multicultural. Haja vista que essa educação, de postura multicultural, valoriza a questão linguística, a identidade e a cultura dos surdos, assim como as trocas culturais entre ouvintes e surdos.

No âmbito dessa discussão se evidencia o potencial da educação online no trato com a comunidade surda. Afinal, os limites de uma aula deixaram de ser definidos pelas paredes de uma sala, pelo uso de textos escritos linearmente ou por um professor que, apesar de apresentar boa vontade, por vezes não está capacitado para se comunicar em libras.

Espera-se que a educação online preveja ações pedagógicas baseadas em legislações específicas para alcançar a comunidade surda. Logo, a cibercultura e suas outras e novas modalidades de educação apresenta a possibilidade de oferecer curso especializado para surdos e amplia suas probabilidades de aquisição do conhecimento. Embora, tenhamos claro, a educação online não foi pensada para atender ao público surdo como principal cliente. Mesmo sendo assim, os surdos e outros portadores de deficiências reconhecem que a educação intermediada pela tecnologia facilita o acesso ao ensino, especialmente o superior, por ultrapassar as barreiras arquitetônicas que dificultam a inclusão (SANTANA; SANTANA; LIMA, 2008).

Outro benefício da educação online para os surdos é a modalidade comunicativa estabelecida. Lemos (2003) indica que no ciberespaço a comunicação pode ocorrer em diversas modalidades – textual, gráfica, auditiva, visual, entre outras. E, mesmo quando ocorre em texto escrito os participantes interagem através da palavra escrita em seu tempo e modo.

Dentre as possibilidades de interação do surdo no ciberespaço, mesmo que especificamente no ambiente virtual de aprendizagem, é o chat. Embora embasada em uma modalidade comunicativa de sincrônica entre estudantes e professor, o estudante surdo pode participar do debate com o uso do português na modalidade escrita. O comportamento em interação também poderá ocorrer em fóruns de discussões, modalidade que flexibiliza o dia e a hora em

que cada surdo poderá participar.

O Mural de avisos, outro auxílio aos surdos, possibilita a postagem de recados e avisos importantes ao andamento do curso, atividades requeridas para o estudante, datas importantes, prova e eventos acadêmicos programados para ser consultados quando necessário. Em uma sala de aula presencial, o estudante surdo conta, quando conta, com a presença do intérprete de libras para traduzir e repassar essas e outras informações que foram veiculadas na modalidade oral e devem ser memorizadas, pois não podem executar duas ações simultâneas, escrever e ver o que está sendo apresentado pelo intérprete e na educação online as informações ficam afixadas no mural de avisos por tempo integral.

Assim, embora a educação online não tenha sido pensada e elaborada para os estudantes surdos, a sua flexibilidade e abrangência, as ferramentas que a compõem e a observância da legislação para o seu funcionamento poderá contribuir para uma educação mais inclusiva e acolhedora daqueles que escutam o mundo de um modo diferente dos ouvintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação em um contexto de cibercultura com o suporte tecnológico poderá favorecer a construção do conhecimento dos estudantes surdos porque dispõem de modelos comunicativos e modos de comunicação síncronas e assíncronas que, além de respeitar o ritmo de aprendizagem do surdo apresenta possibilidades ricas do uso da língua Brasileira de Sinais.

A cibercultura tem contribuído como meio de interação, aproximando as pessoas com propósitos comuns e tornando o ambiente online rico para o processo de ensino e aprendizagem, pois as redes inovam a construção do conhecimento baseada na interação à medida que possibilita o agrupamento humano, viabiliza a discussão favorável na construção do conhecimento e permite o desenvolvimento de habilidades.

Constatamos que as interconexões potencializam os processos de ensino e aprendizagem de surdos, diante da flexibilidade do tempo e espaço bem como dos recursos visuais que emitem informações facilitadoras a partir de imagens e símbolos que compõem o vocabulário da LIBRAS, a língua materna dos surdos brasileiros. Além de as ferramentas disponíveis na educação online permitir a aproximação de surdos e ouvintes, tornando o ambiente da “web” mais democrático; permite, também, o aprimoramento de habilidades em um fecundo ambiente de intercâmbio cultural e sócia.

Minimizar as desigualdades existentes na sociedade atual é uma tarefa nobre e árdua, mas para entendemos que o ponto de partida é inserir os alunos como sujeitos do processo. Para tanto, o processo de educação online pode ser uma

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

possibilidade inovadora, pois se propõe a executar uma proposta de ensino e aprendizagem aberta e dinâmica que abarque as diferenças culturais e sociais e permita a criação e recriação do conhecimento para que os alunos possam interagir melhor no mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Cláudia. **Comunidades virtuais de aprendizagem**. 2 ed. – Especialização em educação à distância. Salvador: UNEB/ EAD, 2010.

CAMPOS, M. Educação Inclusiva para Surdos e as Políticas Vigentes. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Orgs.). **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à LIBRAS e educação de surdos. São Carlos: EDUFSCar, 2014. p. 37-46.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996 (Coleção educação contemporânea).

KENSKI, Vane Moreira. **Das salas de aula aos ambientes virtuais de Aprendizagem**. 2005. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5.pdf>. Acesso em 22 de março de 2018.

LEMOS, André; Cunha, Paulo (orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23. Disponível em: <http://www.ava3.uneb.br/file.php/118/TEXTOS/TEXTOS_CVA_2010/cibercultura.pdf>. Acesso em: 21 de setembro de 2011.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Tradução de Décio Pignatari. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social, Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SALES, A. M. et al. **Deficiência auditiva e surdez: visão clínica e educacional**. Seminário apresentado na Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, 2010.

SALLES, Heloisa Maria M. Lima... [et. Al.]. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: Mec, SEES, 2004. 1v._ (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

SANTANA, Levy Aniceto; SANTANA, Edna Miranda Ugolini; LIMA, Diogo Acioli. **Perspectivas de alunos surdos sobre a educação a distância no ensino superior**. 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/253_128.pdf>. Acesso em: 30. 03.2018.

SANTOS, Edméa. **Educação online, cibercultura e pesquisa formação na prática docente**. Salvador, PPGE/FACED/UFBA, 2005. Tese de doutorado.

SILVA, Fábio Irineu da. *et al.* **Aprendendo Língua Brasileira de Sinais como Segunda Língua**. Curso Básico. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina-CEFET/SC. 2007. Disponível em <<http://www.cultura-sorda.eu/resources/Aprendendo+Lingua+Brasileira+de+Sinais+como+segunda+lingua.pdf>>. Acessado em 14/03/2018.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3.^a edição. Porto Alegre: Mediação, 2005.